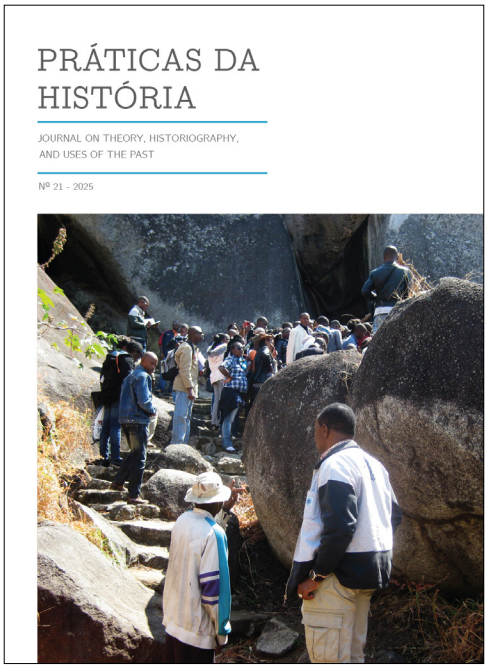


Revisitando o passado colonial e suas margens: memória e escrevivência em Tsitsi Dangarembga

Evander Ruthieri da Silva
e Victor Evangelista Santos

Práticas da História, n.º 21 (2025): 111-143

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Práticas da História, n.º 21 (2025): 111-143

Evander Ruthieri da Silva
e Victor Evangelista Santos

Revisitando o passado colonial e suas margens: memória e escrevivência em Tsitsi Dangarembga

O artigo analisa a produção literária e ensaística da romancista zimbabuana Tsitsi Dangarembga, com ênfase em Condições nervosas (1988), empregando o conceito de "memórias subterrâneas" de Michel Pollak. O objetivo é investigar como Dangarembga mobiliza a literatura para reinterpretar o passado colonial e questionar discursos históricos dominantes, destacando grupos marginalizados e o protagonismo de mulheres em contextos coloniais e pós-coloniais. A metodologia baseia-se no diálogo teórico entre História e Literatura, incorporando ainda a noção de "escrevivências" de Conceição Evaristo para evidenciar formas de resistência que transcendem a luta armada. Os resultados mostram que Dangarembga revisita o passado colonial e questiona narrativas nacionalistas pós-independência, iluminando tensões entre discursos oficiais e experiências marginalizadas — reafirmando a literatura como instrumento crítico para reinterpretar histórias complexas e resistir às exclusões históricas.
Resumo: História e Literatura; Zimbábue; Tsitsi Dangarembga; nacionalismos.

Revisiting the Colonial Past and Its Margins: Memory and Escrevivencias (Writing-as-living) in Tsitsi Dangarembga

This article examines the literary and essayistic production of Zimbabwean novelist Tsitsi Dangarembga, focusing on Nervous Conditions (1988) and the construction of narratives about the colonial past, utilizing Michel Pollak's concept of "subterranean memories." The objective is to investigate how Dangarembga employs literature to challenge dominant historical discourses, with particular attention to marginalized groups and the agency of Zimbabwean women in colonial and postcolonial contexts. The methodology draws on theoretical dialogue between History and Literature, incorporating Conceição Evaristo's notion of "escrevivências" (writing-as-living) to explore forms of resistance beyond armed struggle. The article shows how Dangarembga's work revisits the colonial past and interrogates post-independence nationalist narratives, illuminating tensions between official discourses and marginalized experiences — reaffirming literature as a critical instrument to reinterpret complex histories and resist historical exclusions.
Keywords: History and Literature; Zimbabwe; Tsitsi Dangarembga; nationalisms.

Revisitando o passado colonial e suas margens: memória e escrevivência em Tsitsi Dangarembga

Evander Ruthieri da Silva
e Victor Evangelista Santos*

Introdução

A situação psicológica do "nativo" enquanto uma "*nervous conditions*", traduzida como a "condição nervosa" – a qual mencionou o filósofo francês Jean-Paul Sartre no prefácio de *Os condenados da Terra* (1961), do escritor e psiquiatra martinicano Frantz Fanon –, serviu de referência para a elaboração do título homônimo do romance de estreia da zimbabuana Tsitsi Dangarembga: *Nervous Conditions* (*Condições nervosas*), publicado originalmente em 1988. O romance, publicado em um contexto político marcado pelo acirramento da violência política no Zimbábue pós-independência, problematiza, a partir de sua protagonista Tambudzai, uma jovem oriunda de uma família shona empobrecida e desterrada, os processos históricos de construção de subjetividades e identidades sociais durante o período colonial, mas também nas reivindicações das lutas por independência ao longo dos anos de 1960 e 1970, buscando, ao longo da narrativa literária, evidenciar as formas de marginalização, de violência e de resistência cotidiana na sociedade colonial.

* Evander Ruthieri da Silva (evander.silva@unila.edu.br). https://orcid.org/0000-0002-5988-3739. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Brasil; Victor Evangelista Santos (victorewangelista@gmail.com). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Brasil. Artigo original: 16-12-2024; Artigo revisto: 6-8-2025; Aceite para publicação: 1-10-2025.

Ainda que ambientado no contexto da chamada "segunda *chimurenga*", isto é, no período da ação e operações das guerrilhas anticoloniais na antiga Rodésia do Sul, Dangarembga mobilizou a escrita literária para produzir uma outra memória do período colonial, a partir do amadurecimento intelectual e político de Tambudzai, com ênfase nos seus conflitos internos, substancialmente psíquicos e mentais, de como o processo colonial e suas desenvolturas atingem de maneiras distintas os sujeitos que ocupam a esfera política do colonizado. Assim, de forma preliminar, denota-se que seu romance distancia-se da historiografia nacional e "oficial", promovida pelos ideólogos do governo da Zimbabwe African National Union – Patriotic Front (ZANU-PF), com ênfase na vinculação de uma centralidade partidária e guerrilheira. O romance de Tsitsi Dangarembga fornece as perspectivas de outros sujeitos que foram, de uma forma ou de outra, apagados dos processos de formação nacional do Zimbábue.

Deste modo, a partir dos diálogos teórico-metodológicos entre História e Literatura, e de aportes conceituais dos estudos sobre memória e usos do passado, o artigo busca analisar a produção literário-ensaística de Dangarembga, centrando-se em *Condições nervosas,* para investigar a construção de outras narrativas sobre o passado colonial – com ênfase nas suas margens, principalmente nos agenciamentos e resistências cotidianas de mulheres shona diante de contextos de violências interseccionais. A partir de um diálogo com o conceito de "escrevivências" (conforme elaborado por Conceição Evaristo), o artigo procura observar a produção de outras memórias sobre o passado colonial a partir da literatura em caminhos distintos àqueles propostos pela oficialidade partidária da ZANU-PF, oferecendo as matrizes de uma narrativa literária enraizada em outras vozes, sobretudo, com a construção de suas personagens femininas que tentam reivindicar – ou não – espaços negados a elas nessa conjuntura política.

Narrar o passado – e suas margens

A aproximação dos historiadores com os textos literários integra um movimento de ampliação dos temas, objetos e problemas de pesquisa

em História, sobretudo a partir da utilização da literatura como substrato para escrutínio de representações, imaginários sociais e sensibilidades que permeiam a construção do mundo social. No que diz respeito aos estudos africanos e, de forma mais específica, à História da África, a mobilização de fontes literárias, a exemplo do romance contemporâneo, também se relaciona a contextos de ampliação dos aportes teórico-metodológicos utilizados pelos historiadores nas investigações dos passados africanos, sobretudo na produção de pesquisas engajadas com as "historicidades complexas"[1] que demarcam a multiplicidade das experiências africanas ao longo do tempo. Adicionalmente, a literatura configura-se como um espaço privilegiado para a investigação dos contextos sociais e culturais marcados por batalhas de memória, sobretudo nas formas de (re)lembrar experiências marcadas pelo trauma coletivo e pela violência – a exemplo dos contextos coloniais, fortemente caracterizados por estruturas de violência e exploração de terras, recursos naturais e da mão de obra africana, mas também dos processos de descolonização, das lutas de libertação e das complexidades que permeiam a construção das nações africanas e discursos nacionalistas após as independências.

Desse modo, as fontes literárias apresentam-se como possibilidade de investigação das formas de narrar os passados africanos a partir dos seus "enquadramentos de memória"; afinal de contas, a memória, enquanto "operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais".[2] Simultaneamente, a literatura pode ser tomada como espaço de investigação da experiência histórica dos sujeitos nas margens das "histórias" e "memórias" oficiais que também marcaram os processos de construção dos Estados nacionais africanos. A historiografia e a crítica literária recente[3] têm destacado a relevância

1 Carlos Lopes, "A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos", em *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África* (Lisboa: Linopazas, 1995), 27.

2 Michel Pollak, "Memória, esquecimento, silêncio", *Revista Estudos Históricos*, 2, n.º 3 (1989): 9.

3 Ver, por exemplo: Inocência Mata, "O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa", comunicação ao X Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos de Ásia e África sobre Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização,

da memória e da reinterpretação do passado nas literaturas africanas contemporâneas, que frequentemente tensionam os discursos oficiais produzidos pelos regimes políticos pós-independência. Essa dimensão crítica torna-se particularmente evidente em contextos marcados pela centralização do poder, pela violência política e, sobretudo, pela contínua exclusão socioeconômica de determinados grupos. Além disso, tais literaturas assumem o papel de evidenciar experiências históricas para além da nação, ou que ultrapassam os limites da narrativa nacional. Ao remeter-se ao passado recente, essa produção literária tem demarcado uma "dimensão crítica" que "interroga as especificidades do contexto material em que se inscreve",[4] situando-se na perspectiva de "experiências divergentes"[5] que dialogam com as "demandas de descolonização de imaginários culturais e políticos da contemporaneidade".[6]

Outra possibilidade de pensar em tais produções literárias recorre à noção de "escrevivência", tal qual definida por Conceição Evaristo,[7] pois remete a refletir as inter-relações entre a escrita literária, a experiência vivida e a memória intergeracional, sobretudo de mulheres afrodiaspóricas. Em sua concepção inicial, a escrevivência "se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas".[8] Ainda que originalmente pensado para se referir à produção literária de mulheres na diáspora africana rumo às Américas, o conceito de "escrevivência" pode se tornar uma chave

Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2000; Tirop Simatei, "Colonial Violence, Post-colonial Violations: Violence, Landscape and Memory in Kenyan Fiction", *Research in African Literatures*, 36, n.º 2 (2005): 85-94; Tim Woods, *African Pasts: Memory and History in African Literatures* (Manchester: Manchester University Press, 2007).

4 Elena Brugioni, *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto* (Campinas: UNICAMP, 2019), 57.

5 Edward Said, *Cultura e imperialismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

6 Elena Brugioni, "Restos e dobras. Permanência e(m) crise da crítica (na) pós-colonial(idade)", *Mulemba*, 9, n.º 16 (2017): 37.

7 Conceição Evaristo, "A escrevivência e seus subtextos", em *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, org. Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes (Rio de Janeiro: Mina Comunicação & Arte, 2020), 27-47.

8 Evaristo, "A escrevivência e seus subtextos", 30.

de leitura para refletir sobre as literaturas produzidas por escritoras africanas contemporâneas, sobretudo por promover usos do passado entre "escrita e vivência, escrita e existência".[9] Afinal, tais produções literárias promovem um processo de conceptualização do passado, ainda que sua recuperação integral seja inviável: para a produção literária africana contemporânea, o passado pode ser visto como uma "matriz de indagação, é porto para interrogar a respeito do presente, é exercício de prospecção do futuro".[10]

A partir dessas iniciais reflexões acerca das relações entre História, Memória e Literatura, o artigo concentra-se na produção literária e ensaística de Tsitsi Dangarembga, romancista e cineasta zimbabuana, com ênfase na construção de uma memória literária do processo colonial no Zimbábue, e com atenção particular aos usos do passado na interlocução da História e da Literatura. A ênfase da investigação histórica incide sobre seu romance *Condições nervosas*, que narra a história de Tambudzai, uma garota de origem shona que vive na zona rural da Rodésia e que busca possibilidades de emancipação social/intelectual e subjetiva através do âmbito educacional. Na primeira parte do texto, discute-se a trajetória da romancista zimbabuana, conectando sua produção literária e escritos autobiográficos/ensaísticos com um contexto marcado pelos processos de descolonização e de construção de discursos nacionais no Zimbábue – e também por um projeto político e literário, promovido por Dangarembga em suas obras, de narrar e relembrar o passado zimbabuano a partir de suas margens, isto é, com atenção especial a grupos marginalizados pela violência colonial na então Rodésia do Sul.

Tsitsi Dangarembga é uma romancista, cineasta e dramaturga de origem shona nascida em 1959 na cidade de Mutoko, na Rodésia do Sul (atual Zimbábue). Seus pais, que eram missionários metodistas, faziam parte da produção intelectual rodesiana, os quais prosseguiram com estudos no Reino Unido e, por isso, parte da infância de Tsitsi foi

9 Evaristo, "A Escrevivência e seus subtextos", 31.

10 Rita Chaves, "O passado presente na literatura africana", *Via Atlântica*, n.º 7 (2004): 158.

vivenciada na metrópole. No final da década de 1970, Dangarembga estudou medicina na Universidade de Cambridge, porém largou o curso em decorrência do racismo e da isolação, retomando seus estudos em medicina e psicologia nos anos 80, na Universidade de Zimbábue. Foi nesse período que iniciou sua inserção no campo da literatura e dramaturgia, escrevendo peças teatrais e contos.[11] Seu romance de estreia, *Nervous Conditions*, foi publicado pouco antes de se mudar para a Alemanha, onde estudou direção de cinema, em Berlim. Posteriormente, realizou estudos de doutoramento na Universidade Humboldt de Berlim, com tese sobre a recepção de filmes africanos. Entre as décadas de 1990 e 2000, sua carreira centrou-se na escrita de roteiros e na direção de filmes. Em seus filmes, tais como *Kare Kare Zvako* (2004), Dangarembga discute questões como o corpo feminino com base em tradições orais shona.[12] Em outras produções, como *Neria*, adaptada de uma novela de Dangarembga, a trama, ambientada em Harare no início da década de 1990, discute os conflitos entre modernidade e tradição e seus impactos nos espaços de ação social de mulheres nos primeiros anos após a independência do Zimbábue. A partir da década de 2000, retomou a publicação de romances que encerram a trilogia de Tambudzai: *O livro do n*ão (2006) e *Este corpo lamentado* (2018), além de uma coletânea de ensaios políticos e autobiográficos, *Preta e mulher* (2022).

No conjunto, sua produção fílmica e literária tem problematizado os discursos nacionalistas e, sobretudo, a continuidade de relações hierárquicas e violências de gênero no Zimbábue, engajando-se nos feminismos africanos e no "desafio de promover transformações sociais, construir a história das mulheres e também simultaneamente evitando ser absorvida por discursos feministas ocidentais".[13] Conforme Shadreck Nembaware, Dangarembga distancia-se do "monolito do nacionalismo

11 Rosemary Marangoly George e Helen Scott, "An Interview with Tsitsi Dangarembga", *Novel: A Forum on Fiction*, 26, n.º 3 (1993): 309-319.

12 Flora Veit-Wild, "Tsitsi Dangarembga's Film *Kare Kare Zvako*: The Survival of the Butchered Woman", *Research in African Literatures*, 36, n.º 2 (2005): 135-138.

13 Shadreck Nembaware, "Novel-film Interface and Postcolonial Dystopia: A Comparative Analysis of Tsitsi Dangarembga's Novel and Film, *Nervous Conditions* and *Neria*", *Imbizo: International Journal of African Literary and Comparative Studies*, 5, n.º 1 (2014): 55.

cultural que caracterizou a primeira geração dos escritores zimbabuanos pós-coloniais", promovendo narrativas literárias e fílmicas que buscam localizar as "falhas tectônicas da memória com o fito de problematizar as concepções há muito consagradas sobre os conhecimentos africanos, sua cultura e história".[14] De forma mais específica, a produção literária e fílmica de Dangarembga se contrapõe às narrativas colonialistas sobre os passados africanos, e também à "história" e "memória oficial" produzidas a partir dos discursos nacionalistas no Zimbábue, recuperando, a partir da ficção, as experiências históricas de grupos invisibilizados nos contextos coloniais e nos processos de descolonização. Assim, Dangarembga aproxima-se das perspectivas de outras romancistas zimbabuanas contemporâneas que, de maneiras distintas, têm mobilizado a literatura como espaço de problematização da construção da memória oficial. No Zimbábue, autoras como Yvonne Vera e NoViolet Bulawayo exemplificam esse movimento, ao evidenciarem que "essas independências não dariam conta do desejo de acertar o passo na direção do projeto utópico que mobilizou os africanos".[15]

Em meio às forças de marginalização que agiram e agem contra as mulheres zimbabuanas, Tsitsi Dangarembga observa na produção artística e literária uma possibilidade de resistência. Ao materializar suas experiências e a história de seu lugar, Dangarembga invoca gritos silenciados das margens sociais.

> O império não suportava ouvir nossos gritos porque sabia que era a causa. Por um lado, nossas expressões de dor são a prova de nossa vida, proclamam que estamos sofrendo, mas ainda respirando. É por isso que existe um ditado no Zimbábue, *chikuru kufema* – "o importante é respirar". O que está morto não sente. Não estamos mortos enquanto protestamos.[16]

14 Nembaware, "Novel-film interface and postcolonial dystopia", 52.

15 Chaves, "O passado presente na literatura africana", 147.

16 Dangarembga, Tsitsi, *Preta e mulher* (São Paulo: Kapulana, 2023), 18.

A problematização dos processos de marginalização e invisibilização das mulheres zimbabuanas pode ser localizado tanto na produção fílmica quanto na literatura de Tsitsi Dangarembga, as quais problematizam os "sustentáculos da ideologia da dominação" ao demonstrar "a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra"[17] tanto no período colonial quanto no pós-independência. A escrita literária, assim como suas produções audiovisuais, assume uma perspectiva de denúncia. De modo similar a outros escritores africanos contemporâneos, a sua escrita literária pode ser observada como uma forma de rememoração de experiências sociais apagadas pelo colonialismo. Afinal, conforme afirmou Rita Chaves:

> O colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando.[18]

A produção literária e ensaística de Dangarembga também potencializa uma crítica ao governo pós-independente e os silenciamentos que marcaram a marginalização política de mulheres zimbabuanas desde a década de 1980. Colonialismo, racismo e gênero são temas recorrentes nas reflexões de Dangarembga a respeito de sua trajetória, conectando-a com as experiências coletivas no Zimbábue contemporâneo. Em *Preta e mulher*, Dangarembga reflete também sobre a experiência diaspórica, especialmente o período em que viveu no Reino Unido, e como esse período impulsionou, através de experiências perversas, a maturação pessoal de forma precoce. Dangarembga relembra que "[nasceu] então, em uma sociedade perversa que me enxergava como

17 Lelia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, org. Flavia Rios e Márcia Lima (Rio de Janeiro: Zahar, 2020).

18 Chaves, "O passado presente na literatura africana", 147.

essencialmente carente de humanidade plena".[19] Essas experiências com a perversidade colonial acompanharam-na até seu primeiro curso de graduação, medicina, na Universidade de Cambridge. O racismo figura, em seus escritos, como um dos elementos estruturantes da experiência colonial, enraizando-se na sociedade rodesiana/zimbabuana e produzindo, mesmo após a independência, um contexto de violências físicas e simbólicas que agravaram os processos de marginalização e invisibilização de vários grupos sociais – especialmente das mulheres zimbabuanas, sobre as quais recaem as violências produzidas na interseccionalidade de gênero, classe e raça..

Outro elemento problematizado em seus escritos ensaísticos e autobiográficos diz respeito ao patriarcado, o qual, em sua perspectiva, causou dano anteriormente ao fato de se conceber como negra. Dangarembga, afirma que

> o patriarcado foi meu primeiro terror criado pelo homem [...] Aprendi cedo como os machos de nossa espécie se unem contra pessoas que julgam ser mais fracas [...] As lições vieram de meu irmão biológico e de meu irmão adotivo, que me maltratavam impiedosamente.[20]

Suas primeiras obras teatrais, *Lost of the Soil* (1983), *She No Longer Weeps*[21] e *The Third One*, serviram como espaço político e artístico para problematizar o patriarcado enquanto uma das matrizes estruturais do colonialismo. Nessas e em outras obras, Dangarembga tem como conjuntura de suas experiências uma práxis da interseccionalidade, conceito fornecido por Kimberlé Crenshaw,[22] no qual diversas camadas de

19 Dangarembga, *Preta e mulher*, 15.

20 Dangarembga, *Preta e mulher*, 18.

21 Já mencionado sucintamente, refere-se ao processo do "roubo" de intelectuais africanos (e de outros locais colonizados) para produzirem e formarem carreira acadêmica em suas respectivas metrópoles.

22 Kimberlé W. Crenshaw, *On Intersectionality: Essential Writings* (Nova Iorque: Faculty Books, 2017). Disponível em: https://scholarship.law.columbia.edu/books/255 Acesso em: 18/08/2024.

opressão circundam as experiências de vida de um sujeito, não sendo, portanto, atingido por uma única dinâmica perversa, mas sim por formas entrelaçadas de violência. Por extensão, o caráter diaspórico de sua trajetória, marcada constantemente por entre Zimbábue, Inglaterra e Alemanha, possibilita configurar a trajetória de Dangarembga como um estado de "entre mundos",[23] marcado pelo despertencimento a locais particulares. O mundo colonial potencializou tais dinâmicas, sobretudo no contexto africano, a partir do "sequestro de cérebros".[24] A romancista, assim como seus pais, não estava a salvo dessa prática colonial, o que por sua vez, os colocou em posição de não-pertencimento. Observemos o trecho a seguir:

> Isso, por sua vez, levantou a questão premente de saber se esses falantes consideravam ou não **Varungu – "Brancos/ Europeus"** – como pessoas. O assunto **era desesperadamente relevante a mim**, porque devido à língua que eu e meu irmão falávamos – e, acredito agora, por causa de outros atributos como nossa *linguagem corporal e aparência* –, **muitas das outras crianças colocavam meu irmão e eu na categoria Varungu**.[25] [*grifo adicionado*]

Dangarembga, neste sentido, sentia-se europeia demais para ser africana e, quando estava na metrópole, era negra demais para ser reconhecida como humana. Tal complexidade identitária no "entre mundos" possibilita compreender os deslocamentos geográficos e simbólicos de Dangarembga, na medida em que reconstrói sua trajetória a partir da escrita ensaística, mas sobretudo, para compreender as violências simbólicas e físicas provocadas pelo colonialismo. O contexto colonial teria transformado Dangarembga em uma "refugiada existencial", isto é, "em

23 Edward W. Said, *Cultura e imperialismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), 302.

24 Ver mais em Caroly Shaw, "'You Had a Daughter, but I Am Becoming a Woman': Sexuality, Feminism and Postcoloniality in Tsitsi Dangarembga's *Nervous Conditions* and *She No Longer Weeps*", *Research in African Literatures*, 38, n.º 4 (2007).

25 Dangarembga, *Preta e mulher*, 32.

estado de fuga desde que saí do útero e provavelmente desde antes disso, considerando as circunstâncias em que nasci e o efeito delas em minha realidade pré-natal".[26] Sobre a "realidade pré-natal", Dangarembga aludia ao contexto colonial que marca sua trajetória, bem como os enraizamentos da violência colonial e da colonialidade, principalmente nas violências de gênero, mesmo após as independências no continente africano.

Convém lembrar que o Zimbábue, assim como diversos outros países na África, possui fronteiras que foram fixadas como resultado do impacto das políticas coloniais nas últimas décadas do século XIX. A região conhecida no período colonial como Rodésia do Sul (e, posteriormente, apenas como Rodésia) foi administrada, por meio de concessão do governo britânico, pela British South Africa Company até a década de 1920, a partir de iniciativas promovidas pelo "magnata da mineração" e então primeiro-ministro da Colônia do Cabo Cecil Rhodes, que ambicionava consolidar a presença britânica "do Cabo ao Cairo": do sul ao norte da África. A presença colonial na Rodésia promoveu a desestabilização de diversos centros de poder e formações sociais na região, em especial entre as populações ndebele e shona; os processos de expropriação de terras e exploração da mão de obra africana, sobretudo na mineração e na agricultura; a implementação de impostos coloniais e outras medidas que visavam o controle da população nativa; além de medidas de incentivo à imigração britânica para a região. Desse modo, "uma série de medidas, seguindo geralmente o modelo da África do Sul, foram sendo gradativamente adotadas para obrigar os africanos a trabalharem para os brancos. Primeiro, a alienação de terras, que já começara, foi intensificada. Esta medida visava privar os africanos de qualquer fonte de renda em dinheiro".[27] A elite colonial branca se estabeleceu sobre a região e controlou a exploração de minérios e a agricultura comercial, impondo, principalmente a partir da década de 1920, legislações de caráter segregacionista, a exemplo do Land Apportionment Act (1930)

26 Dangarembga, *Preta e mulher*, 7.

27 Martin Kaniki, "A economia colonial: as antigas zonas britânicas", em *História geral da África, v. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*, org. Albert Adu Boagen (Brasília: UNESCO, 2010).

que determinava o confinamento da população africana a reservas nativas que equivaliam a aproximadamente 30% do território rodesiano.[28]

Entre as décadas de 1950 e 1960, a onda provocada pelos movimentos de descolonização e libertação reverberou entre as lideranças políticas na Rodésia. Sabe-se que pelo menos desde os primeiros decênios do século xx, diversas associações e organizações de caráter político formaram-se entre a população africana, a exemplo da Industrial Commercial Workers Union, formada na década de 1920 entre trabalhadores rurais e urbanos que passaram a organizar protestos e ações públicas em defesa de melhores condições de trabalho para os africanos na Rodésia e na África do Sul. O contexto pós-Segunda Guerra Mundial intensificou as demandas pela independência e descolonização, principalmente diante de uma percepção de continuidade do regime e da violência colonial, além da exploração de terras e trabalho. A radicalização das lutas pela descolonização levou à formação de partidos políticos, a exemplo do Southern Rhodesia African National Congress (SRANC) em existência entre 1957 e 1959 e, após seu fechamento – quando o governo da Rodésia estabeleceu legislação que baniu diversas organizações políticas –, a criação de grupos políticos articulados à luta armada, sobretudo o Zimbabwe African People's Union (ZAPU) e o Zimbabwe African National Union (ZANU), e suas alas guerrilheiras, respectivamente, o Zimbabwe People's Revolutionary Army (ZIPRA) e o Zimbabwe African National Liberation Army (ZANLA).[29]

O contexto da luta das guerrilhas contra o governo rodesiano a partir da década de 1970 ficou conhecido como a segunda *chimurenga*, denominação adotada pelos revolucionários com o fito de marcar uma

28 Tinase Mitchell Mashihza e Jephias Mapuva, "The Colonial Legislation, Current State of Rural Areas in Zimbabwe and Remedial Measures Taken to Promote Rural Development", *Journal of Asian and African Social Sciences and Humanities*, 4, n.º 3 (2018): 22-35. Tais manifestações sistemáticas da organização colonial britânica são importantes para a compreensão de fatores, por vezes, compreendidos como subjetivos aos indivíduos. A dominação da terra – em qualquer regime colonial – significa um controle sobre aportes metafísicos e, por sua vez, significa uma forma de dominação sobre os costumes e práticas de sobrevivência de determinadas culturas. Dangarembga aborda isso metaforicamente em seu romance *Nervous condition*.

29 Ngwabi Bhebe, *The Zapu and ZANU Guerrilla Warfare and the Evangelical Lutheran Church in Zimbabwe* (Harare: Mambo Press, 2000).

continuidade de lutas anticoloniais e recuperar certa memória coletiva de movimentos de resistência no final do século XIX que passaram a ser interpretados, nesta ótica, como manifestações protonacionalistas vinculadas, sobretudo, às comunidades etnicamente identificadas como shonas. A pressão exercida pelos movimentos de libertação, somado a pressões internacionais, levou a uma série de negociações e a um cessar-fogo a partir de 1979. A partir do Lancaster House Agreement, ficou estabelecido que novas eleições seriam realizadas em março de 1980. No pleito, a ZANU-PF elegeu-se para o cargo de primeiro-ministro, levando Robert Mugabe ao poder.[30] A década de 1980 foi marcada pela ascensão política de Robert Mugabe, num contexto de modernização, crescente centralização política e medidas violentas voltadas a combater grupos de oposição ao governo, em especial a ZAPU, liderada por Joshua Nkomo, e seus apoiadores. Dentre as ações violentas promovidas no período, convém destacar o chamado *gukurahundi*, "período da história do Zimbábue compreendido entre 1983 e 1987, caracterizado por um genocídio não oficial de milhares de pessoas oriundas de uma minoria falante de Ndebele e proveniente do sudoeste do Zimbábue".[31] Ainda que sem números precisos, estima-se que aproximadamente 20 mil pessoas, em sua maioria de origem Ndebele, foram executadas: processos como esses se aproximam da ideia de necropolítica, conforme explicitada por Achille Mbembe, nos quais se denota uma estruturação de política de morte sob o poder estatal da ZANU-PF, reivindicando os espaços e as pessoas as quais podem ou não viver sob essa terra.[32]

Além disso, as contradições e limitações dos projetos de descolonização no Zimbábue podem ser observadas em suas políticas de gênero ao longo das décadas de 1980 e 1990. Conforme Kate Law,[33] o contexto das lutas de libertação no Zimbábue envolveu uma participação ex-

30 Alois Mlambo, *A History of Zimbabwe* (Cambridge: Cambridge University Press, 2014).

31 Nkululeko Sibanda, "*Gukurahundi* em retrospecto: performance teatral como esfera pública cultural", *Ephemera*, 3, n.º 6 (2020): 52.

32 Achille Mbembe, *Necropolítica* (São Paulo: n-1 edições, 2018).

33 Kate Law, "'We Wanted to Be Free as a Nation, and We Wanted to Be Free as Women': Decolonisation, Nationalism and Women's Liberation in Zimbabwe, 1979-85", *Gender & History*, 33, n.º 1 (2021): 5.

pressiva de mulheres nas unidades de combate, e também em redes de assistência e apoio às guerrilhas, muitas das quais eram motivadas pela perspectiva de que a libertação da nação seria o precursor para um programa mais amplo de emancipação cultural e transformação nas relações sociais. Os primeiros anos após a independência foram marcados por um novo aparato legislativo voltado a garantir direitos às mulheres, a exemplo do Equal Pay Regulations, de 1980, ou o Labour Relations Act, de 1984, e do estatuto de maioridade, estabelecido em 1982, o qual garantiu às mulheres o direito de deter propriedades e tomar decisões sem consentimento de seus pais, irmãos mais velhos ou maridos. Além disso, diversos discursos de lideranças políticas da ZANU-PF demonstraram um engajamento com a causa das mulheres.[34] No entanto, as experiências de muitas mulheres nas primeiras décadas da independência contrastavam com o clima de otimismo, em especial diante da continuidade de práticas de opressão, marginalização política e perpetuação de papéis de gênero tradicionais, que compreendiam que, após a guerrilha, as mulheres deveriam retornar ao espaço doméstico para o cuidado da família e dos filhos. Tais fatores podem ser compreendidos como parte de um contexto marcado pela intensificação da violência política promovida pelo governo zimbabuano, e que, dentre outros efeitos, intensificou a exclusão política e socioeconômica das mulheres no Zimbábue. Desse modo, Dangarembga localiza nas contradições internas ao Estado zimbabuano, e principalmente ao papel da ZANU-PF durante o regime de Robert Mugabe, as marcas da continuidade da violência de gênero e de relações desiguais entre homens e mulheres:

> Ao mesmo tempo, a ZANU-PF iniciou sua campanha para **nacionalizar o feminismo**, lançando sua **Liga das Mulheres** por todo o país. As mulheres que dançaram e cantaram "Ah, Sr. Mugabe, quero

34 Podemos presenciar essas posições em prol da causa feminina quando analisamos a vida política de Grace Mugabe e como ela foi utilizada pela ZANU-PF para figurar uma posição de mulher no contexto do partido, sobretudo ao ser a líder da Liga Feminina da ZANU-PF. Dangarembga reflete sobre essa questão ao citar que: "As mulheres são obrigadas a confirmar que seu sucesso cabe dentro da estrutura de uma agenda patriarcal e não a desestabilizar." Ver em Dangarembga, *Preta e mulher*, 69.

> levá-lo em minhas costas" quando a ZANU-PF voltou da Conferência de Lancaster House proclamando uma vitória militar triunfante, agora estavam **sendo usadas para sustentar o partido governante por meio de sua força feminina.** [...] O clima de comemoração pós-independência logo chegou ao fim [...] Então para nosso pesar, em 1999, menos de duas décadas após sua promulgação, a Suprema Corte atacou as disposições da Lei da Maioridade Legal (LAMA).[35] [*Grifo adicionado*]

Na interpretação de Dangarembga, esses processos levaram a um agravamento do "patriarcado de propriedade privada", o qual teria sido implementado no período colonial e rapidamente teria excluído as mulheres *shona* de funções socioeconômicas e culturais tradicionalmente garantidas pela sua inserção em redes de parentesco. A marginalização política e socioeconômica das mulheres seria acompanhada por outras formas de invisibilização e apagamento, especialmente de suas histórias e memórias, em nome de uma história oficial ancorada na ação das guerrilhas anticoloniais.

Parte constitutiva dos discursos de nação construídos pela ZANU-PF e pelo governo de Robert Mugabe desde a década de 1980, as chamadas "histórias nacionalistas" e "histórias patrióticas", que localizam a luta armada e os processos revolucionários como forças motrizes de uma história centrada na ação de guerrilheiros, promoveram uma leitura do passado zimbabuano difundida em diversos espaços oficiais. De acordo com Terence Ranger,[36] essa "história patriótica" tem sido promovida principalmente como uma alternativa à história acadêmica, a qual celebrava a modernização e a noção de resistência, e difundida em diversos espaços, a exemplo da mídia impressa e televisiva; em campos de treinamento de jovens para milícias; em livros didáticos promovidos pelo governo zimbabuano; em publicações de autobiografias de

35 Dangarembga, *Preta e mulher*, 56.

36 Terence Ranger, "Nationalist Historiography, Patriotic History and the History of the Nation: the Struggle over the Past in Zimbabwe", *Journal of Southern African Studies*, 30, n.º 2 (2004): 215-234.

ex-combatentes; e nos discursos de Robert Mugabe e de outros oficiais do governo. Dentre os temas ressaltados pelas "histórias patrióticas" estavam episódios de resistência e revolta contra as forças coloniais, recuperadas e apropriadas pelo governo da ZANU-PF, a exemplo da "*chimurenga*" de 1896-1897, transformada em uma "primeira *chimurenga*" de modo a associá-la às lutas armadas que levaram à independência (a "segunda *chimurenga*") e às reformas agrárias promovidas pelo governo zimbabuano no início dos anos 2000 (categorizada como a "terceira *chimurenga*"). Conforme Ranger, muitas dessas narrativas também têm promovido a heroicização de indivíduos e grupos vinculados à luta armada, ao lado de outros eventos comemorativos, como o Dia Nacional dos Heróis.

A "história patriótica" enfatiza a luta armada, celebra a violência e a continuidade da memória da guerrilha as relacionando em uma narrativa teleológica centrada nas ações do partido, e que compreende como "irrelevante qualquer história que não seja política".[37] Desse modo, a "história patriótica" visa promover uma memória oficial da ZANU-PF, enquadrando-a a partir da experiência dos guerrilheiros (e sua continuidade no tempo presente), e invisibilizando os projetos de modernização e bem-estar social que caracterizavam a retórica do partido até meados da década de 1990. Por extensão, a "história patriótica" visou promover uma narrativa da nação amparada no binômio "nós" e "outros", observando grupos de oposição (a exemplo do Movement for Democratic Change – MDC) como uma manifestação da influência britânica no Zimbábue e, portanto, posicionados "fora de uma narrativa nacional legítima, situados num território de uma força estrangeira, não-africana e traiçoeira que justificaria o uso da coerção do Estado com o intento de conter e destruir tal força".[38]

Em seus textos literários, como por exemplo em *Condições nervosas,* como também nos seus ensaios políticos autobiográficos, tal qual

37 Ranger, "Nationalist Historiography", 218.

38 Brian Raftopoulos, "Nation, Race and History in Zimbabwean Politics", em *Making Nations, Creating Strangers: State and Citizenship in Africa*, org. Sara Dorman, Danniel Hammet e Paul Nugent (Leiden: Brill, 2007), 184.

Preta e mulher, Dangarembga problematiza as formas de lembrar o passado e as estruturas de poder consolidadas durante o período colonial, bem como a continuidade dos processos de exclusão social e política após a independência do Zimbábue. Desse modo, além de questionar o discurso nacionalista mobilizado pela ZANU-PF desde a década de 1980, Dangarembga também contesta a "história oficial" construída pelo partido, apontando para as suas margens, isto é, para as experiências de grupos sociais excluídos social e politicamente. Este elemento possibilita pensar a produção literária de Dangarembga a partir dos usos do passado, conceito mobilizado para se referir às situações de mobilização/reutilização do passado em caráter pragmático e instrumental, mas também no sentido existencial e ideológico, conferindo sentido e finalidade de narrativas que, mesmo produzidas no presente, "não deixam de estabelecer expectativas para o futuro".[39]

Para Dangarembga, o processo de relembrar o passado colonial se reveste de um sentido terapêutico e problematizar as cicatrizes provocadas pelo império assume um papel fundamental, pois enreda a "possibilidade de se afastar daquele que fere e, a partir daí, transformar-se em alguém que aquele que fere não consegue mais desmembrar".[40] Somado aos violentos processos de expropriação de terras, que levaram a um agravamento das condições socioeconômicas da população nativa, Dangarembga demarca que a construção do Estado colonial e, após a independência, de um Estado autoritário e politicamente centralizado, agravou os processos de marginalização política das mulheres zimbabuanas, pois "impactou a posição das mulheres nos espaços públicos e privados e restringiu a habilidade das mulheres zimbabuanas para desenvolver, aproveitar e celebrar sua agência não só como mulheres, mas como humanas".[41] A implementação de valores europeus, durante o período colonial, enraizou na sociedade rodesiana uma concepção que "degradava a humanidade das mulheres africanas",[42] vistas

39 Glaydson Silva, Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni, "Recepções da antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira", *Revista Brasileira de História*, 40, n.º 84 (2020): 45.

40 Dangarembga, *Preta e mulher*, 17.

41 Dangarembga, *Preta e mulher*, 47.

42 Dangarembga, *Preta e mulher*, 50.

como "aptas apenas para a subjugação".[43] Adicionalmente, a fragmentação de formas ancestrais de relações sociais, baseadas no parentesco, provocada pelo colonialismo e pelo missionarismo, produziu uma exclusão social (e política) das mulheres no Zimbábue.

A partir dos textos ensaísticos de Dangarembga, fica evidente a complexidade que marca a história social e política do que hoje conhecemos como Zimbábue, de modo similar aos processos de formação dos Estados nacionais africanos ao longo do século xx. Essa história nacional se entrelaça com o contexto colonialista do século xix, o surgimento de movimentos de libertação a partir dos anos 1960 e os processos de centralização e violência política após sua independência. Suas construções se fundamentam em uma particularidade mantida no contexto colonial britânico, que estruturou sociedades segregacionistas na África Austral. Com relação aos contextos coloniais, Dangarembga observa que:

> Ao longo dos séculos, os europeus gradualmente sujeitaram a África a outros usos, em vez de considerar o continente apenas como fonte de trabalho não remunerado. A terra de onde corpos foram roubados não foi, a princípio, considerada importante pelo império [...] O domínio colonial foi exercido por meio de um patriarcado brutal baseado na propriedade privada e na exclusão racial.[44]

A segregação racial, ao lado de outras formas de violência de gênero e classe, marcou os contextos coloniais, produzindo efeitos que persistiram mesmo após a independência. A historiadora Kate Law enfatiza o modo como as mulheres eram um pilar basilar para a dinâmica de resistência na Rodésia do Sul dos anos de 1960 e 1970, sendo portanto fundamentais para a conquista da independência do país, sobretudo no contexto de formação do Zimbabwe African National Liberation Army (ZANLA). Na perspectiva de Dangarembga, sobretudo em seus ensaios autobiográficos, a ZANU-PF, após a independência, promoveu

43 Dangarembga, *Preta e mulher*, 53.

44 Dangarembga, *Preta e mulher*, 21-22.

uma campanha para "nacionalizar o feminismo, lançando sua Liga das Mulheres [Women's League] por todo o país".[45] Ao se referir à Women's League, Dangarembga alude às organizações de mulheres vinculadas à ZANU-PF, originadas a partir do Department of Women's Affair criado no âmbito do partido na década de 1970. Originalmente criada com objetivos militares, relacionados à ação das guerrilhas, a Women's League gradativamente transformou-se em uma organização voltada ao bem-estar social e à mobilização partidária; suas participantes passaram a ser valorizadas como eleitoras e não necessariamente como representantes políticas. Desse modo, a "desmobilização das combatentes no Zimbábue caminhou lado a lado com a sua despolitização".[46]

Assim, na perspectiva de Dangarembga, "o clima das comemorações pós-independência logo chegou ao fim",[47] sobretudo pela gradativa diminuição dos direitos sociais e políticos das mulheres zimbabuanas: Dangarembga relembra, em especial, a aprovação do *Customary Law and Local Courts Act*, em 1990, ato legislativo que estabelecia um novo tipo de tribunal comunitário, voltado a aplicar o direito consuetudinário em casos do direito civil, sob inspiração em modelos coloniais de justiça comunal. Esse tribunal comunitário foi responsável por decisões judiciais que negam às mulheres direitos, como, por exemplo, receber heranças de seus maridos falecidos com base em princípios discriminatórios do direito consuetudinário. Além disso, Dangarembga relembra que a própria Constituição do Zimbábue, ao tratar sobre discriminação, não previa proteção contra discriminação ou violências de gênero. Assim, observa que, a despeito do clima de otimismo que marcou o processo de independência zimbabuana, Dangarembga verifica uma continuidade na marginalização das mulheres, e sua exclusão social, econômica e política, somado às fabricações do "silenciamento e da invisibilidade" em torno das histórias e memórias de mulheres zimbabuanas.

45 Dangarembga, *Preta e mulher*, 56.

46 Gisela Geisler, "Troubled Sisterhood: Women and Politics in Southern Africa: Case Studies from Zambia, Zimbabwe and Botswana", *African Affairs*, 94, n.º 377 (1995): 556.

47 Dangarembga, *Preta e mulher*, 56.

As escrevivências de Tsitsi Dangarembga: o caso de *Nervous Conditions*

A aproximação das escritas literárias de Dangarembga ao conceito de "escrevivência" permite compreender suas particularidades contrapostas a uma macroexperiência vivenciada por mulheres africanas e afrodiaspóricas em âmbito global ou transnacional, sobretudo diante das violências físicas e simbólicas provocadas pelo colonialismo e pelo racismo. As especificidades de cada uma dessas mulheres encontram caminhos plurais de expressão, ao serem afetadas e experienciarem as mesmas práticas de violência e de exclusão socioeconômica e política. Tal experiência compartilhada, conforme Vilma Piedade, é perpassada pelo que caracteriza como "dororidade", neologismo utilizado para se referir a "uma dor específica que une todas as mulheres, mas que é agravada pelo racismo que só a mulher preta, só a juventude preta poderá sentir",[48] e que, longe de idealizar ou reduzir as experiências coletivas à dor, busca refletir sobre formas de solidariedade e recursos de resistência.

Neste sentido, as ferramentas propostas pelos conceitos de "escrevivência" e de "dororidade" auxiliam-nos a compreender a escrita literária de Dangarembga, que fazem com que sua obra *Condições nervosas* se configure como espaço de denúncia das violências que recaem sobre mulheres africanas em situação colonial, bem como uma narrativa que problematiza as "histórias oficiais" produzidas pelo colonialismo e pelos governos nacionalistas do Zimbábue pós-independência. Tal interpretação do romance nos sugere ainda mais uma interlocução literária escrita a partir de si e de várias mulheres, como proposto por Conceição Evaristo, que compreende que a "escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional", mas que, "ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno".[49] Portanto, para além de uma modalidade de escrita autorreferencial, reverbera experiências coletivas de grupos sociais, a exemplo de mulheres africanas/afro-diaspóricas que

48 Sobre o conceito, ver Vilma Piedade, *Dororidade* (São Paulo: Nós, 2017).

49 Evaristo, "A escrevivência e seus subtextos", 35.

vivenciaram violências físicas e simbólicas, mas que também compartilharam estratégias de resistência e sobrevivência em contextos marcados pela violência colonial.

Nervous Conditions foi publicado originalmente em 1988, mas sua trama é ambientada na Rodésia do Sul entre as décadas de 1960 e 1970, período que, como se sabe, foi marcado pela ação das guerrilhas da ZANU e da ZAPU contra o governo rodesiano. O romance, escrito em primeira pessoa, é narrado por Tambudzai, uma jovem de origem shona que, devido à morte de seu irmão mais velho, tem a possibilidade de continuar seus estudos em uma escola secundária. Desde o início da trama, Dangarembga estabelece a condição social da família de Tambudzai: seus pais são agricultores shona empobrecidos e, muito possivelmente, desterrados como consequência do avanço do colonialismo e dos processos segregacionistas de expropriação das terras. Por incentivo de seu tio, Babamukuru, um homem assimilado pela cultura europeia, bem-sucedido e, por vezes, autoritário com outros membros de sua família, Tambudzai continua sua formação na escola missionária, aproxima-se de sua prima, Nyasha, e toma contato com a tia, Maiguru, as quais, em contato com a escolarização e pelas oportunidades educacionais na Inglaterra, buscam emancipar-se dos valores tradicionais e, sobretudo, da autoridade patriarcal.

A partir dessas personagens, Dangarembga também aborda os conflitos entre valores tradicionais e modernos, bem como a continuidade de violências de gênero e das forças do patriarcado sobre mulheres com oportunidades de ascensão social e assimilação à sociedade colonial: assim, por exemplo, Maiguru alcança oportunidades culturais e educacionais, mas convive com a violência doméstica e um marido autoritário. Na última parte do romance, Tambudzai foi aprovada nos exames de admissão em uma escola secundária religiosa, Sacred Heart, frequentado por meninas brancas, no qual experimentou violências explícitas e microagressões cotidianas. Desse modo, ao longo de *Condições nervosas,* Dangarembga apresenta o processo de formação subjetiva de Tambudzai, ao enfatizar as suas "condições nervosas", isto é, as angústias e ansiedades vivenciadas em uma situação colonial – e também os

desafios enfrentados por mulheres como Tambudzai e Nyasha ao tentarem construir formas de resistir e existir naquela sociedade colonizada.

Enquanto as "histórias patrióticas" promovidas por intelectuais vinculados ao governo da ZANU-PF enfatizam o período em questão (décadas de 1960 e 1970) como uma espécie de nascimento da nação zimbabuana a partir da luta armada e da ação das guerrilhas, Dangarembga desloca a perspectiva para grupos marginalizados pelos processos de colonização e que, nas tramas do cotidiano, buscavam constituir recursos de resistência em situações de violência física e simbólica. Além disso, ao buscar a pluralidade de experiências do passado zimbabuano em contextos coloniais, Dangarembga promove o que pode ser descrito como uma "africanização do passado",[50] ao se contrapor às narrativas colonialistas que interpretavam a história da África a partir de forças motrizes associadas à presença europeia ou, ainda, categorizam as sociedades e culturas africanas como destituídas de um passado. A noção de "africanização do passado" pode ser tomada a partir dos debates suscitados pelos movimentos anticoloniais pelo menos desde a década de 1960, e que buscavam a "reafricanização" dos valores sociais, culturais, econômicos e interpessoais nas sociedades africanas pós-independência. A africanização do passado promovida por Tsitsi Dangarembga surge como parte substancial para a compreensão de processos históricos no continente africano que antecedem os marcos coloniais, mas que, simultaneamente, não tomam as lutas de libertação e descolonização como resultado de um movimento teleológico ou como um "ponto de chegada" do sentido histórico.

Desse modo, em *Nervous Conditions*, Dangarembga dialoga com outras formas de lembrar o passado colonial, enfatizando as experiências históricas de grupos empobrecidos e desterrados pelo colonialismo

50 Podemos aproximar as propostas políticas mantidas nas obras de Tsitsi Dangarembga em uma possível relação com o projeto de reafricanização proposta pelo revolucionário de Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amílcar Cabral, o qual propõe a ideia de "reafricanização" dos valores sociais, culturais, econômicos e interpessoais nas sociedades africanas pós-independência. Neste sentido, a africanização do passado exercida por Dangarembga, surge como parte substancial para a compreensão de uma África que tenha como passado comum algo anterior ao que a historiografia mantém, não somente um passado colonial. Para mais informações, ver: Amílcar Cabral, *Nacionalismo e cultura* (Santiago de Compostela: Laiovento. 1999).

e, sobretudo, as estratégias cotidianas de mulheres shona[51] ao lidarem com as violências físicas e simbólicas enraizadas na sociedade colonial. Por isso, o romance de Dangarembga pode ser discutido a partir do que Pollak categorizou de "memórias subterrâneas", isto é, as formas de lembrar o passado silenciadas por determinadas condições sociais, culturais ou políticas, e que "prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível", mas que "afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados", promovendo disputas pela memória.[52]

Essas formas outras de lembrar o passado colonial, e que envolvem um esforço de africanização do passado, podem ser vislumbradas nos episódios que se referem ao uso das terras pelas populações shona, e ao processo de expropriação das terras iniciado nas primeiras décadas da expansão colonial na Rodésia. Logo no início da trama, Tambudzai, a narradora-autora, recupera as narrativas produzidas pela sua avó, uma mulher shona desterrada, cuja narrativa relaciona-se às memórias coletivas daqueles que, diretamente impactados pelo colonialismo e pela legislação de terras de caráter segregacionista, foram forçados a deixar suas terras ancestrais e, como consequência, marginalizados pela sociedade colonial em formação.

> E quantas preces de adoração e reverência eu sussurrei para minha avó naqueles primeiros dias de cultivo para o mercado. Minha avó, que havia incessantemente cultivado terras, plantando sementes e colhendo safras abundantes até, literalmente, seu último momento de vida. Quando eu era pequena demais para ser qualquer coisa além de um obstáculo nos campos, eu

51 Tais estratégias cotidianas podem ser aplicadas a construção conceitual que Michel de Certeau propõe como *Práticas desviantes: astúcias e práticas*, que se refere ao processo de criação de novas maneiras de sobreviver mesmo em contextos tão estruturantes. Tais práticas são o que mantém processos tradicionais ainda vivos e que possibilita com que a resistência a forças motrizes sigam tendo como base de apoio a sociedade popular. É portanto, nas lacunas das estruturas sociais – são estas o capitalismo, racismo, patriarcado, etc. – que a resistência surge como força de reparação e restituição de um *habitus* novo. Michel de Certeau, *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (Petrópolis: Vozes, 1998).

52 Pollak, "Memória, esquecimento, silêncio", 4

> passava muitas horas produtivas trabalhando com minha avó no terreno que ela chamava de horta [...] Ela também me dava aulas de história. História que não estava presente nos livros didáticos; um tempo no terreno e um descanso, o começo da história, uma pausa.[53]

Ao aludir à "história" que não estava "presente nos livros didáticos", Dangarembga recuperava narrativas distintas daquelas promovidas pela historiografia colonial ou mesmo pelas "histórias patrióticas" produzidas pela ZANU-PF, enfatizando as memórias de sujeitos marginalizados por camadas de exclusão política e socioeconômica. Desse modo, nas conversações com a avó, relembra que sua família "nem sempre viveu aqui [...]. Nós morávamos lá em Chipinge, onde o solo é fértil e seu bisavô era um homem rico na moeda daqueles tempos, com muitas cabeça de gado gordas, grandes pedaços de terra e quatro esposas que trabalhavam duro para produzir safras abundantes".[54] No entanto, "bruxos versados em traição e magia negra vieram do Sul e forçaram o povo para longe daquela terra. Em burros, a pé, a cavalo, em carroças, as pessoas procuraram por um lugar para viver",[55] levando a família de Tambudzai ao "solo cinza e arenoso da nossa propriedade, tão pedregoso e infértil que os bruxos não o utilizariam".[56] A partir da narrativa da avó da protagonista, Dangarembga revisita os processos de colonização e expropriação de terras na Rodésia do Sul/Zimbábue, recuperando os episódios de deslocamentos forçados e exclusão socioeconômica em uma narrativa que se aproxima da oralidade, assemelhando-se, portanto a outras formas de narrar o passado para além das historiografias colonialista e nacionalista.

Por meio das memórias de Tambuzai, a narrativa promove usos do passado, recuperando as funções socioeconômicas de mulheres shona tradicionalmente relacionadas ao cuidado da terra – seja, de forma literal,

53 Tsitsi Dangarembga, *Condições nervosas* (São Paulo: Kapulana, 2019), 33-34.

54 Dangarembga, *Condições nervosas*, 34.

55 Dangarembga, *Condições nervosas*, 39.

56 Dangarembga, *Condições nervosas*, 34.

como a terra para o plantio ou, ainda, uma metáfora para a própria ideia de nação. Como se sabe, a questão da terra se tornou central nas disputas políticas que marcaram o processo de descolonização e, sobretudo, os projetos políticos adotados pela ZANU-PF no contexto pós-independência. Assim, Dangarembga recupera, nesses e em outros episódios, os processos de expropriação de terras e, paralelamente, de silenciamento e marginalização de grupos sociais, a exemplo das mulheres shona, que, pela perda de suas funções socioeconômicas e ritualísticas relacionadas aos usos comunais da terra, foram forçadas a se enquadrar, sobretudo no contato com a educação missionária e com os projetos coloniais, nas funções de mães e esposas. Diversas personagens na trama, a exemplo da mãe e da tia de Tambudzai, Ma'Shingayi e Maiguru, encontram-se atreladas às tensões entre valores tradicionais e ocidentais, buscando, mesmo sem êxito, escapar de relações de gênero marcadas pela violência.

Portanto, é por meio da construção de uma nova narrativa sobre o processo colonial, através das "memórias subterrâneas" de mulheres marginalizadas ou em busca de emancipação, que Dangarembga exerce uma proposta literária que visa refletir sobre uma realidade que foi superficializada pelas narrativas nacionalistas da ZANU-PF, que observava, sobretudo por meio das suas "histórias patrióticas", a guerrilha como única alternativa para romper com os meandros do colonialismo. Uma dessas possibilidades de resistência refere-se à educação ocidental e escolarização formal, simultaneamente observada por Dangarembga como parte das estratégias políticas do Estado colonial em formar uma massa de africanos assimilados. Em *Condições nervosas*, Dangarembga demonstra os meios pelos quais a educação ocidental poderia ser mobilizada por Tambudzai ou por Nyasha como um recurso de resistência, e não de assimilação; mas, simultaneamente, apresenta outras possibilidades de resistir às violências patriarcais, como no caso de outra tia de Tambudzai, Lucia, uma mulher sexualmente independente que, mesmo sem acesso à educação formal, busca autonomia sexual e financeira – ainda que suas opções sejam estruturalmente limitadas pelas condições socioeconômicas.

Tambudzai, de forma distinta ao seu tio, Babamukuru, que foi assimilado à cultura ocidental pela ação missionária – os missionários,

relembra, "o consideravam um bom menino, cultivável, como a terra, podendo produzir safras que sustentam os agricultores",[57] transformando-o em uma figura autoritária que "estoicamente, [...] aceitava a própria divindade"[58] –, observa na educação uma possibilidade de autonomia e de resistência diante das camadas de invisibilização e de violência na sociedade colonial. No entanto, ao longo da trama, Tambudzai percebe as limitações e contradições dos processos educacionais e de sua premissa de libertação: sua tia Maiguru, apesar de todas as oportunidades educacionais, continuava restringida pelas relações verticalizadas de gênero na esfera doméstica. Além disso, convém lembrar que, no contexto de publicação do romance, os discursos nacionalistas promovidos pelo governo da ZANU-PF exaltavam a autonomia e a superação das estruturas coloniais. Contudo, ao relembrar os contextos educacionais, Dangarembga se atenta à continuidade de valores coloniais, especialmente pela figura de Babamukuru, que representa uma visão de mundo assimilada/colonizada e que, na esfera doméstica, perpetua outras formas de violência e opressão de gênero.

As contradições e violências do contexto colonial também podem ser observadas na caracterização de Nyasha. Desde o início do romance, a personagem é apresentada como uma jovem que, após retornar de um processo educacional europeu, se vê em conflito constante com as normas impostas pelo pai, Babamukuru. Revoltando-se contra a autoridade paterna, Nyasha demonstrava a Tambudzai "outras direções possíveis, outros esforços com os quais me envolver que iam além de emancipar a mim e a minha família".[59] Adicionalmente, em contato com Tambudzai, Nyasha passa a se interessar pelas práticas religiosas shona, ressaltando sobre "os perigos de presumir que os caminhos cristãos eram os do progresso"[60] e se revolta contra a assimilação cultural provocada pelo colonialismo: "Nyasha estava fora de si, enfurecida. Ela estava descontrolada, destruindo o livro de História com os dentes ('A

57 Dangarembga, *Condições nervosas*, 35.
58 Dangarembga, *Condições nervosas*, 105.
59 Dangarembga, *Condições nervosas*, 174.
60 Dangarembga, *Condições nervosas*, 170.

História deles. Mentirosos de merda. As mentiras deles')."[61] Como resultado dos conflitos intergeracionais, e da percepção das hierarquias de gênero, sobretudo no espaço doméstico, Tambudzai considerava que a "natureza exuberante de Nyasha sofria nessas condições frias".[62]

A "condição nervosa" de Nyasha, que ao final da trama evidencia-se por meio de distúrbios físicos e psicológicos, como a anorexia, pode ser lida como resultado das violências coloniais e também como uma metáfora para o sentimento de alienação que muitos zimbabuanos vivenciaram ao tentarem compatibilizar valores culturais considerados como tradicionais e os projetos de modernidade impulsionados pelo governo da ZANU-PF ao longo da década de 1980, o qual buscava construir um Estado moderno, ancorado em desenvolvimento econômico e instituições nacionais, sem perder legitimidade entre as populações rurais. As políticas da ZANU-PF buscaram implementar programas de modernização, como investimentos em saúde pública e campanhas de alfabetização, ao mesmo tempo em que incorporaram elementos associados a um passado "tradicional", como a instrumentalização de lideranças tradicionais e a mobilização de narrativas relacionadas ao passado dito "pré-colonial",[63] inclusive recorrendo a usos do passado e a uma mobilização de eventos históricos e práticas relacionadas às culturas e sociedades shona, mas, paralelamente, excluíam ou invisibilizavam outras histórias e memórias que não se enquadravam na narrativa nacional. Em *Condi*ções *nervosas*, Dangarembga parece buscar localizar as raízes coloniais do problema, ao demonstrar os enraizamentos de violências nas elites nativas formadas naquele contexto. Ao mesmo tempo, convém demarcar que o romance de Dangarembga também recupera outras histórias secundarizadas pelos discursos nacionalistas no Zimbábue pós-independência: as histórias daqueles que, como Babamukuru, colaboraram com a manutenção da sociedade colonial, na função de assimilados.

61 Dangarembga, *Condições nervosas*, 225.

62 Dangarembga, *Condições nervosas*, 86.

63 Tor Skalnes, *The Politics of Economic Reform in Zimbabwe: Continuity and Change in Development* (Londres: Macmillan Press, 1995): 118-150; Mary Ndlovu, "Education in Post-Independence Zimbabwe: Triumph, Decline, Collapse", em *New Leaders, New Dawns?: South Africa and Zimbabwe under Cyril Ramaphosa and Emmerson Mnangagwa*, org. Chris Brown, David Moore e Blair Rutherford (Montreal: McGill-Queen's University Press, 2022), 324-351.

Desse modo, ao buscar outras formas de resistir e existir na sociedade colonial, o romance de Dangarembga surge como fonte de "outras problemáticas e temas [que só] poderiam ser despertados pela leitura [deste] "simples" romance", de modo que, ao reelaborar as memórias de grupos invisibilizados ou marginalizadas pela sociedade colonial, a narrativa se torna "uma preciosa via de acesso à história em seus dados de realidade e suas projeções subjetivas".[64] Além disso, *Condições nervosas* possibilita problematizar a própria natureza do discurso histórico produzido por grupos nacionalistas no Zimbábue, ao demonstrar que a formação da nação decorre não apenas da ação das guerrilhas armadas da ZANU-PF, mas também de um contexto de violências enraizadas nas sociedades colonizadas e em processos de exclusão socioeconômica, política e cultural de mulheres. Se, em muitos discursos produzidos pela ZANU-PF ao longo da década de 1980, havia uma ênfase no papel social das mulheres como mães e esposas, cuja cidadania se definia no âmago da estrutura familiar,[65] Dangarembga norteia suas atenções para demonstrar o amplo leque de violências que afetavam as mulheres no ambiente doméstico e familiar – demonstrando os contextos coloniais e a sobrevida da violência no pós-independência.

Em suma, ao longo do romance, Dangarembga busca revisitar o passado colonial – e as suas margens – para ressignificar as memórias de grupos marginalizados pela sociedade colonial e silenciados nos novos contextos políticos pós-independência. Seja na metáfora de transpor parte de sua vida como processos vivenciados por Tambudzai ou utilizar de sua mãe como uma possível comparação ao continente africano – ou até mesmo o próprio Zimbábue – como um corpo violado pelas violências coloniais que sequestraram e assassinaram seus filhos, a romancista produz uma releitura do passado colonial a partir de grupos marginalizados. Neste sentido, suas escrevivências tecem, juntamente ao contexto da "dororidade", uma comunhão entre as experiências e vidas de mulheres como Ma'Shingayi e Maiguru, Tambudzai e Nyasha.

64 Antonio Celso, "A fonte fecunda", em *O historiador e suas fontes*, org. Tania Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinski (São Paulo: Contexto, 2009), 61.

65 Gay Seidman, "Women in Zimbabwe: Postindependence Struggles", *Feminist Studies*, 10, n.º 3 (1984): 419-440.

Neste sentido, quando Dangarembga aborda em seu romance mulheres que vivenciam processos de violência diferentes mas que se interligam, podemos relacionar a construção de uma comunhão através da dor, através da "dororidade". Se por um lado, por exemplo, a mãe de Tambudzai vive confinada aos afazeres domésticos e é marcada pela dor de perder seu filho, a dor de Maiguru vai na negação de suas valorizações intelectuais e pela marginalização provocada pelo patriarcado. De modo semelhante, a dor de Nyasha parte de uma não aceitação das nuances perversas da sociedade e de viver em um estado de "entre mundos", enquanto a dor de Tambudzai é vivenciada pela experiência da assimilação e do sistema escolar colonial. São as experiências que interconectam essas mulheres shona e que fazem com que a obra de Dangarembga produza reflexões a respeito das violências cotidianas e das "condições nervosas" enfrentadas por mulheres na sociedade colonial rodesiana e no Zimbábue pós-independência.

Conclusão

Tsitsi Dangarembga mobiliza, em suas obras literárias e ensaísticas, reflexões profundas sobre o passado colonial e sobre sujeitos marginalizados ou invisibilizados em processos históricos marcados pela violência e pela exclusão política. Nesse sentido, as escrevivências de Dangarembga configuram a literatura como um espaço de resistência e de recuperação de "memórias subterrâneas", por meio da problematização e da reelaboração do legado colonial. O ato de escrever, sob a perspectiva de Dangarembga e de outras intelectuais africanas e afrodiaspóricas, revela-se um instrumento poderoso de autorrepresentação enquanto agentes históricos. Em um contexto político que frequentemente tentou silenciá-las, essas intelectuais ressignificaram a literatura como uma ferramenta de luta e emancipação.

As "condições nervosas" vivenciadas pelos personagens de Dangarembga surgem como metáforas para os processos de formação da nação zimbabuana: das aflições que significam muito mais angústias individuais e coletivas, bem como dos enraizamentos da violência colonial em ambientes domésticos. Destarte, as reivindicações exercidas

por meio da escrita de Dangarembga abriram e abrem o caminho para a formação de uma camada jovem feminina em busca de representatividade atuante, de sujeitos que fazem e são portadores de histórias, memórias e resistências invisibilizadas por processos macro-históricos e por definições estruturantes e partidárias. Ao revisitar o passado colonial – e suas margens –, Dangarembga alude a estados de conflito subjetivo e às condições nervosas de existir em um contexto político marcado por processos de invisibilização, marginalização e negação da existência social de mulheres africanas. Assim, ao aproximar a produção literária de Dangarembga com as ferramentas conceituais produzidas por escritoras afrodiaspóricas, sobretudo afro-brasileiras (a exemplo das noções de "escrevivências" e de "dororidade"), pode-se vislumbrar a necessidade de um diálogo transnacional que ultrapasse as fronteiras de Estados, que não delimitam a partilha de experiências particulares e substancialmente individuais, mas que também carregam em si a comunhão de similaridades.

Como menciona Kwame Appiah, "Dangarembga escreve com a confiança de que a história que está contando fará sentido para leitores de muitos lugares, com muitas preocupações, e que ela pode contá-la sem trair a autenticidade da voz de Tambu".[66] Desse modo, pode-se perceber que a escrita literária de Dangarembga redireciona seus esforços políticos para fazer re-existir as vozes silenciadas; para ouvir as dores destes indivíduos engolidos pelo avanço da modernização partidária e necropolítica da ZANU-PF; para fazer ouvir os gritos que enunciam quem é o agente desta violência com frutos coloniais; para fazer sentido as formações de condições nervosas a todos os nativos atravessados pela perversidade estruturante de uma realidade que os negligência. Por fim, concordamos com a interpretação de David W. Cohen (1992), para o qual "Dangarembga certamente nos lembra bem que há mais coisas acontecendo na vida de mulheres e homens do que a construção de nações".[67]

66 Kwane Anthony Appiah, "Introdução", em Tsitsi Dangarembga, *Condições nervosas* (São Paulo: Kapulana, 2019), 13.

67 David William Cohen, *"With Their Consent": Tsitsi Dangaremba's* Nervous Conditions*: A Novel* (Evanston, IL: Program of African Studies, Northwestern University, 1992).

Bibliografia

Appiah, Kwane Anthony. "Introdução". Em Dangarembga, Tsitsi. *Condições nervosas.* São Paulo: Kapulana, 2019.

Bhebe, Ngwabi. *The Zapu and ZANU Guerrilla Warfare and the Evangelical Lutheran Church in Zimbabwe.* Harare: Mambo Press, 2000.

Brugioni, Elena. *Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto.* Campinas: UNICAMP, 2019.

Brugioni, Elena. "Restos e dobras. Permanência e(m) crise da crítica (na) pós-colonial(idade)". *Mulemba*, 9, n.º 16 (2017): 32-43.

Cabral, Amílcar. *Nacionalismo e cultura.* Santiago de Compostela: Laiovento. 1999.

Celso, Antonio. "A fonte fecunda". Em *O historiador e suas fontes*, organizado por Tania Regina de Luca e Carla Bassanezi Pinski. São Paulo: Contexto, 2009.

Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer.* Petrópolis: Vozes, 1998.

Chaves, Rita. "O passado presente na literatura africana". *Via Atlântica*, n.º 7 (2004): 147-161.

Cohen, David William. *"With Their Consent": Tsitsi Dangaremba's* Nervous Conditions*: A Novel.* Evanston, IL: Program of African Studies, Northwestern University, 1992.

Crenshaw, Kimberlé W. *On Intersectionality: Essential Writings.* Nova Iorque: Faculty Books, 2017. Disponível em: https://scholarship.law.columbia.edu/books/255 Acesso em: 18/08/2024.

Dangarembga, Tsitsi. *Condições nervosas.* São Paulo: Kapulana, 2019.

Dangarembga, Tsitsi. *Preta e mulher.* São Paulo: Kapulana, 2023.

Evaristo, Conceição. "A escrevivência e seus subtextos". Em *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação & Arte, 2020, pp. 27-47.

Geisler, Gisela. "Troubled Sisterhood: Women and Politics in Southern Africa: Case Studies from Zambia, Zimbabwe and Botswana". *African Affairs*, 94, n.º 377 (1995): 545-578.

George, Rosemary Marangoly, e Helen Scott. "An Interview with Tsitsi Dangarembga". *Novel: A Forum on Fiction*, 26, n.º 3 (1993): 309-319.

Gonzalez, Lelia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, organizado por Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Kaniki, Martin. "A economia colonial: as antigas zonas britânicas". Em *História geral da África, v. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*, organizado por Albert Adu Boagen. Brasília: Unesco, 2010.

Kate Law, "'We Wanted to be Free as a Nation, and We Wanted to be Free as Women': Decolonisation, Nationalism and Women's Liberation in Zimbabwe, 1979–85". *Gender & History*, 33, n.º 1 (2021): 5.

Lopes, Carlos. "A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos". *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África.* Lisboa: Linopazas, 1995.

Mashihza, Tinase Mitchell, e Jephias Mapuva. "The Colonial Legislation, Current State of Rural Areas in Zimbabwe and Remedial Measures Taken to Promote Rural Development". *Journal of Asian and African Social Sciences and Humanities*, 4, n.º 3 (2018): 22-35.

Mata, Inocência. "O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa". Comunicação ao X Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino-Americana de Estudos de Ásia e África) sobre Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2000.

Mbembe, Achille. *Necropolítica*. 3.ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Mlambo, Alois. *A History of Zimbabwe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Ndlovu, Mary. "Education in Post-Independence Zimbabwe: Triumph, Decline, Collapse". *New Leaders, New Dawns?: South Africa and Zimbabwe under Cyril Ramaphosa and Emmerson Mnangagwa*, organizado por Chris Brown, David Moore e Blair Rutherford (Montreal: McGill-Queen's University Press, 2022): 324-351.

Nembaware, Shadreck. "Novel-film Interface and Postcolonial Dystopia: A Comparative Analysis of Tsitsi Dangarembga's Novel and Film, *Nervous Conditions* and *Neria*". *Imbizo: International Journal of African Literary and Comparative Studies*, 5, n.º 1 (2014): 52-60.

Piedade, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017.

Pollak, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". *Revista Estudos Históricos*, 2, n.º 3 (1989): 3-15.

Raftopoulos, Brian. "Nation, Race and History in Zimbabwean Politics". Em *Making Nations, Creating Strangers: State and Citizenship in Africa*, organizado por Sara Dorman, Danniel Hammet e Paul Nugent. Leiden: Brill, 2007, 181-195.

Ranger, Terence. "Nationalist Historiography, Patriotic History and the History of the Nation: The Struggle over the Past in Zimbabwe". *Journal of Southern African Studies*, 30, n.º 2 (2004): 215-234.

Said, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Seidman, Gay. "Women in Zimbabwe: Postindependence Struggles". *Feminist Studies*, 10, n.º 3 (1984): 419-440.

Sibanda, Nkululeko. "Gukurahundi em retrospecto: performance teatral como esfera pública cultural". *Ephemera*, 3, n.º 6 (2020): 41-61.

Silva, Glaydson, Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni. "Recepções da antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira". *Revista Brasileira de História*, 40, n.º 84 (2020): 43-66.

Simatei, Tirop. "Colonial Violence, Postcolonial Violations: Violence, Landscape and Memory in Kenyan Fiction", *Research in African Literatures*, 36, n.º 2 (2005): 85-94.

Skalnes, Tor. *The Politics of Economic Reform in Zimbabwe: Continuity and Change in Development* (Londres: Macmillan Press, 1995).

Veit-Wild, Flora. "Tsitsi Dangarembga's Film *Kare Kare Zvako*: The Survival of the Butchered Woman". *Research in African Literatures*, 36, n.º 2 (2005): 135-138.

Woods, Tim. *African Pasts: Memory and History in African Literatures* (Manchester: Manchester University Press, 2007).

Referência para citação:
Silva, Evander Ruthieri e Victor Evangelista Santos (2025). "Revisitando o passado colonial e suas margens: memória e escrevivência em Tsitsi Dangarembga". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 111-143. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.39537